

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE C  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290001171



FE

TCC/UNICAMP Em46m

**MEMÓRIA E IDENTIDADE**  
MORADORES DE RUA DE CAMPINAS COM TRANSTORNO MENTAL

**Autor:** Karina Silvia Emílio

**Orientador:** Maria Cristina Menezes

Trabalho de conclusão de curso para  
obtenção do grau de Bacharel em Pedagogia  
da Faculdade de Educação da Universidade  
Estadual de Campinas, sob a orientação da  
Profa. Dra. Maria Cristina Menezes

Campinas, SP  
2003

SHS 011000

UNIDADE...	FE
Nº CHAMADA:	TCC / unicamp
	Em46m
V:.....EX:.....	
TOMBO:	1171
PROC.:	117/04
C:.....D:.....	X
PREÇO:	11,00
DATA:	17/02/04
Nº CPD:	164 310243

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**  
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Em46m	Emílio, Karina Silvia. Memória e identidade: moradores de rua de Campinas com transtorno mental / Karina Silvia Emilio. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.  Orientador : Maria Cristina Menezes. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.  1. Doentes mentais - Reabilitação. 2. Inclusão social. 3. Educação não-formal. I. Menezes, Maria Cristina. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	03-0225-BFE

## SUMÁRIO

RESUMO

A EXCLUSÃO E O CONTROLE.....	3
A REFORMA PSIQUIÁTRICA.....	7
REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL.....	10
MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
ANEXOS.....	27

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências de um projeto que propicia momentos de trocas de histórias, memórias e reminiscências de abrigados com transtorno. O foco está no sujeito com suas memórias e reminiscências, caracterizado por uma trajetória de migração onde se sai de um espaço conhecido, vivendo conflitos e desafios, desembocando em uma instituição, lugar pouco conhecido, que tem como objetivo a reabilitação psicossocial.

Começo a escrever o trabalho com o recorte que pretendo dar ao projeto através da leitura de História da Loucura e Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões de Michel Foucault (1). A seguir, pretendo determinar, ainda que rapidamente, sobre a luta anti-manicomial, um momento de ruptura, onde políticas sociais estão sendo pensadas com o objetivo de construção de um espaço de inclusão para os portadores de sofrimento mental.

Sigo contando um pouco da instituição e o objetivo do projeto.

Concluo com o relato das experiências do projeto e alguns registros fotográficos.

(1) *Paul-Michel Foucault, francês, nascido em Poitiers no dia 15 de outubro de 1926. Estudou na École Normale Supérieure, em Paris, especializando-se em filosofia e psicologia. Foi professor nesta mesma universidade e frequentador assíduo da unidade psiquiátrica do Hôpital Sainte-Anne. Para muitos ele foi mais historiador do que filósofo. As suas obras refletem grande influência de Nietzsche e Heidegger. Suas principais obras foram a História da loucura em 1961; As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas, em 1963; Vigiar e Punir: história e violência nas prisões, em 1975; História da sexualidade vol 1, em 1976; História da Sexualidade, vol 2. Morreu em 25 de junho de 1984. Em 1986, foi publicada a História da sexualidade vol 3. (Strathern, 2003)*

Na Idade Média os loucos eram considerados sagrados e transitavam livres. No Renascimento a loucura começa a ser encarada como uma crítica às incoerências da sociedade, surge, então, o sábio louco, como Dom Quixote, por exemplo. A Idade Clássica, marcada pela filosofia de Descartes, priorizou a razão como linha de todo pensamento intelectual e a loucura foi considerada des-razão. Isolou-se a loucura e todas as formas de comportamento consideradas opostas à razão. Todos que tinham comportamentos que não correspondiam aos valores morais do trabalho e às leis civis, eram separados, encarcerados, juntou-se loucos, mendigos,

produzindo um conjunto de valores que dá significado aos comportamentos. Mostra como o conceito de loucura muda no decorrer dos tempos historicamente tendo em vista as pessoas como sujeitos de conhecimento e Na *História da loucura*, Foucault, investiga as relações produzidas em prisões”.

“A História da Loucura” e “Vigiar e Punir: história da violência nas prisões” é o projeto sob o recorte dos livros de Michel Foucault (1), orientada pela Professora Doutora Maria Cristina Menezes, a *transtorno mental*.

Este capítulo pretende, de maneira resumida, explicar, através do ponto de vista de Foucault, como as mudanças de representações sociais em torno da loucura foram se constituindo, revelando o cenário onde se realiza o projeto *Memória e Identidade: moradores de rua de Campinas com*

## A EXCLUSÃO E O CONTROLE.

bêbados, homossexuais entre outros que eram considerados desvios da racionalidade.

No final da Idade Clássica, a loucura deixou de pertencer ao grupo dos “fora da lei” e foi considerada doença (incurável) e a medicação passou a cumprir o papel da prisão. O poder estava no conhecimento da psiquiatria.

Logo no início do livro, *A história da loucura*, Foucault discorre sobre a necessidade da sociedade europeia do século XVII, centrada no poder de Deus, de ter um grupo excluído, um grupo que representasse o processo de expiação dos pecados. Com o final das cruzadas, a lepra, que representava o castigo Divino, começa a se extinguir, e o espaço dos grandes leprosários precisava ser ocupado. Antes dos loucos, tentou-se ocupar os leprosários com os portadores de doença venérea, mas com a descoberta da cura e tratamento de algumas destas enfermidades, este grupo não conseguia mais preencher esta necessidade e não se podia mais comprovar a existência de um grupo que “pagasse” pelos pecados da humanidade. Este papel passou a ser assumido pelos loucos. Portanto, o conceito de loucura é construído através da história articulado à necessidade do preenchimento de um espaço de exclusão criado pela própria sociedade.

Seguindo o eixo das investigações sobre as relações produzidas historicamente por sujeitos de poder, em *Vigiar e Punir*, Foucault mostra o processo de criação de práticas sociais que garantem o cumprimento das leis que organizam a sociedade em diferentes épocas, analisando as representações do corpo como instrumento para a realização dessas práticas.

Esse poder é exercido em diversos espaços sociais, como as instituições especializadas, os hospitais, as escolas, as prisões e têm como objetivo fazer funcionar a disciplina na sociedade. Este livro mostra como foram se criando aparatos de controle das pessoas, técnicas que funcionavam como um microscópio do comportamento.

Antes da revolução industrial a punição dada ao criminoso atingia diretamente seu corpo que era o seu maior bem. A medida que as relações de produção foram ganhando espaço na sociedade, a punição incorporou técnicas que fabricassem um corpo útil e a alma passou a ser o alvo da mesma. “Quase sem tocar o corpo, a guilhotina suprime a vida, tal como a prisão suprime a liberdade, ou uma multa tira os bens. Ela aplica a lei não tanto a um corpo real e susceptível de dor quanto a um sujeito jurídico, detentor, entre outros direitos, do existir”(Foucault,1975, p.16). Criou-se, com estratégias de poder, um ideal de cidade totalmente controlada.

Enquanto a lepra deu origem a modelos de exclusão no livro *História da Loucura*, em *Vigiar e Punir* a peste desencadeia esquemas disciplinares de controle. Uma outra relação importante é aquela que se estabelece entre o criminoso e o não criminoso, onde a punição tem o papel de compensar aquele que cumpriu a lei, ou seja, fazer aparecer a vantagem de se manter a ordem, de não ultrapassar o limite do direito do outro.

As relações estabelecidas entre os abrigados do Renascer e a cidade de Campinas fazem parte de uma concepção de loucura permeada por relações de poder. A cidade cria espaços de exclusão com estratégias de vigilância e controle. No interior deste cenário, acontece o projeto. Sem

este olhar o meu trabalho corresponderia à descrição de práticas terapêuticas que motivam estes portadores de sofrimento mental a vivenciar momentos de comunicação com o resto da sociedade.

## A REFORMA PSIQUIÁTRICA

Com o objetivo de contribuir para a manutenção da ordem social a psiquiatria baseada no processo de exclusão, se utilizava do enclausuramento e da medicação como medida de controle, se distanciando, assim, do tratamento.(Baságlia, 1985)

Insatisfeitos com a falta de políticas públicas em relação à assistência psiquiátrica e influenciados pelas reformas psiquiátricas européias, principalmente a Italiana, os trabalhadores de saúde mental do Brasil criaram, na década de 90, um espaço de reivindicações e discussões que resultou numa proposta antimanicomial através de redes não hierarquizadas de serviços abertos e substitutivos aos hospícios.

Através de Conferências de Saúde e Saúde Mental, surgiu o Sistema Único de Saúde (SUS) que descentralizou, hierarquizando e municipalizando o atendimento de saúde. Para atender a demanda foram incorporados atendimentos de saúde mental nos Centros de Saúde e criados Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Em Campinas temos o Hospital Cândido Ferreira que, seguindo o propósito da reforma psiquiátrica, também oferece atendimento psiquiátrico no Hospital Dia (HD) para a população desospitalizada. Este hospital possui um programa moradia alternativa em lares abrigados, onde estas pessoas contam com o apoio dos profissionais do hospital para a realização de atividades de vida diária(AVD) e de vida social (AVS).No hospital os portadores de sofrimento mental contam, também, com um Núcleo de Oficinas de Trabalho (NOT), onde, acompanhados por monitores, realizam trabalhos de diversas modalidades como serralheria, culinária, cultivo de hortaliças, flores e plantas, oficinas de papel reciclado, de vitrais, de mosaico, salão de beleza e um centro de vivência que oferece orientação e material para a criação de obras de arte plástica. Há um grupo de teatro e um programa de rádio chamado Maluco Beleza. A produção das oficinas de trabalho é comercializada e os trabalhadores são remunerados. As obras de

arte são expostas em espaços culturais da cidade e região.

Todo esse trabalho da Secretária de Saúde e do Hospital Cândido Ferreira foi pensado como medida de enfrentamento do grande desafio que é romper com a exclusão social decorrente de um processo histórico em que a loucura está associada ao estigma de incapacidade e periculosidade.

Apesar dos esforços, o atendimento precisa ser ampliado, muitos portadores de sofrimento mental ainda não têm acesso aos serviços por falta de recursos. Além disso, a reforma psiquiátrica depende da mudança de postura da sociedade em relação a essa população. É necessário que a comunidade receba esses pacientes para que possam conquistar no seu espaço público o seu direito à cidadania. Verifica-se que a sociedade ainda não superou a visão, construída sócio-historicamente, de que a loucura deve ser tratada no interior do hospital psiquiátrico, de que o louco deve ser isolado para que a ordem social se mantenha.

Encerro esta parte citando um poema escrito nas paredes de um manicômio exibido no filme “Bicho de Sete Cabeças”

*“O buraco no espelho está fechado  
Agora eu tenho que ficar aqui  
Com um olho aberto e o outro acordado  
No lado de lá onde eu cai  
No lado de cá não tem acesso  
Mesmo que me chamem pelo nome  
Mesmo que admitam meu regresso  
Toda vez que eu vou a porta some  
A janela some na parede  
A palavra de água se dissolve  
Na palavra sede a boca cede  
Antes de falar não se ouve  
Já tentei dormir a noite inteira  
Quatro, cinco, seis da madrugada  
Vou ficar ali nesta cadeira*

*Uma orelha alerta e outra ligada  
O buraco do espelho está fechado  
Agora eu tenho que ficar aqui agora  
Sinto o abandono abandonado  
Aqui dentro do lado de fora.*

## REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL

Na segunda metade da década de 90 os técnicos do Serviço de Atenção ao Migrante e Itinerante Municipal (SAMIM) observaram um aumento significativo de pessoas em situação de rua com transtorno mental e uma parcela dessas pessoas passaram a utilizar-se do serviço, descaracterizando o albergue que passou a funcionar como abrigo para esses casos e outros moradores de rua fixados em Campinas. Outros casos não se adaptavam à estrutura do SAMIM e viviam pelas ruas do município, concentrados principalmente na área central.

Em 27/03/98, a Secretaria Municipal de Assistência Social, através da Portaria, 01/98, institui uma Comissão, formada por técnicos da Secretaria Municipal de Assistência Social e Secretaria Municipal de Saúde, responsável pela elaboração de um projeto que contemplasse o atendimento desse segmento. Durante este ano, estas Secretarias e o Cândido Ferreira estiveram envolvidos em discussões acerca do planejamento e da operacionalização desse projeto.

Estas discussões resultaram na implantação do ABRIGO MUNICIPAL ESPECIALIZADO RENASCER em 02/02/2000, que tem como proposta a reabilitação psicossocial baseada nos eixos Moradia e Trabalho, provendo um espaço provisório de moradia para pessoas que estavam em situação de rua com transtornos mentais.

Dentro dessa proposta de reabilitação psicossocial, o abrigo tem, como objetivos específicos, o resgate dos hábitos de vida diária e social, visando o aumento da autonomia do abrigado; o resgate da cidadania através da inserção, prevenção e proteção; preparar e estimular os usuários para o convívio social, visando reabilitá-los para a vida familiar ou em lares protegidos; desencadear um processo de aproximação da família com o abrigado, na perspectiva de reinserção social e prover a interação da comunidade com o Abrigo, através de um trabalho conjunto, visando melhor compreensão, aceitação e superação dos preconceitos.

O Abrigo conta com uma equipe técnica composta por uma psicóloga que coordena o serviço e uma assistente social, oito monitoras, um assistente administrativo, dois cozinheiros, duas serventes, um motorista e quatro vigilantes terceirizados. O Abrigo tem como parceira efetiva a Rede Pública de Saúde do Município.

Indo ao encontro desses objetivos, o Projeto Memória e Identidade: Moradores de Rua de Campinas com Transtorno Mental foi se estruturando. Através das reuniões de equipe com os funcionários do Abrigo, cada monitora pensou num projeto e, após discussão de proposta apresentada, comecei a desenvolver atividades com os abrigados como passeios e encontros para se contar histórias. Nesses encontros, apareciam histórias muito divertidas e fomos percebendo que seria interessante representá-las cenicamente, bem como realizarmos uma pesquisa em torno do cenário e das personagens.

O processo foi surpreendente, desencadeou a lembrança e a criação de muitas histórias, principalmente para dois abrigados, o Romildo e o Antonio Marcos, que mesmo fora dos encontros me procuravam, para me contar ou mostrar o que tinham escrito.

Como existem muitas histórias registradas, optamos por sortear três delas. A primeira “O Tropeiro Viajante”, de autoria do Antonio Marcos, já está montada. Estreamos num evento chamado Uma Tarde no Renascer, promovido pela equipe do Abrigo. Preparamos uma exposição com textos e fotos do resultado de uma pesquisa sobre os costumes do tropeiro como danças, culinária, edumentária, sobre a época das tropas e sua localização. Foram expostas, também fotos, pinturas e artesanato dos outros projetos e eventos, além de um vídeo. No final da apresentação, o público foi convidado para um bate papo onde contávamos um pouco sobre o processo da montagem, abrindo para comentários e perguntas. O público era composto por amigos, funcionários e usuários de outros serviços da Prefeitura e algumas pessoas da comunidade.

Além de estimular as lembranças que constituem a identidade dos

abrigados, esse projeto cria espaços que favorecem trocas, que contribuem para aumentar o espaço dessas pessoas consideradas, na maioria das vezes, perigosas ou incapazes.

## MEMÓRIA E IDENTIDADE

*“(...)a memória não é confiável, que uma lembrança pode ser ficção, que memória e imaginação se deixam contaminar pelo desejo.”*  
(Meneses, 1987, p. 15)

.....

Proponho, para esta parte, contar, seguindo as anotações do diário de campo, como foi o processo de construção da representação da história “O Tropeiro Viajante” e o resultado da primeira apresentação. Esta história é de autoria do Antonio Marcos, um dos abrigados, e foi a primeira história que montamos, seguindo o objetivo não da montagem, mas de buscar um espaço para mostrar o trabalho artístico que conseguimos realizar no interior de uma instituição para moradores de rua com transtorno mental.

O registro do trabalho é feito através de fotografias e anotações em diário de campo. As anotações não foram feitas simultaneamente e nem foram gravados, então, muita coisa se perdeu. As fotos foram tiradas com o objetivo de mostrar as cenas, sem intenção estética profissional.

Campinas, 06 de Dezembro de 2001.

Junto com uma companheira de trabalho, também monitora do Abrigo, programamos um momento para contar histórias:

A atividade se inicia na cozinha, estourando pipoca. Leninha e Valderez nos ajudam a ensacar as pipocas para o encontro.

Estavam achando estranho - “como assim, contar história? Que história? Por que?”

Márcia (monitora) convidava o Valderez e ele respondeu que só queria um pouco de pipoca para ir dormir e que não gostava nem de conversa, nem de histórias.

A nossa ansiedade aumentou depois da resposta do Valderez. Como iniciar o bate papo? Será que tem sentido ?

Deixamos a pipoca num canto, cada um se servia. Márcia contou a história do Gato de Botas.

O meu incômodo continuava, estava achando uma bobagem contar uma história dessas para adultos, mas... Todos que estavam na sala, ficaram prestando muita atenção.

O Celso ria de vez em quando e para nossa surpresa, não se desligou.

Comentaram um pouco sobre os valores do gato:

-“Que gato safado!”

- “Safado nada! Ele é esperto, nesse mundo só se sobrevive assim!”

Os comentários foram interrompidos pelo pedido do Romildo :

“- Conta os três Porquinhos?”

Comecei meio sem jeito, mas depois me soltei.

Achei muito estranho o pedido, como que um “homão” daqueles curte “Os três Porquinhos”?

Ninguém comentou nada sobre esta.

Começou a sessão piadas por iniciativa do Antonio Marcos. Aí é que foi gostoso. Valia tudo! Valia não ter graça e até esquecer ou desistir no meio. É difícil encontrar um grupo assim, eles têm muito respeito um com o outro, espera-se para falar e ninguém reclama quando a piada não cai bem, o clima é ótimo!

No final da noite, permaneceram na sala o Romildo, Antonio Marcos, José Antonio, Luciano e eu. Para combinar com a hora adiantada, apareceram umas histórias de terror:

José Antonio contou que um dia, estavam ele e sua “nega” no chão, quando apareceu um homem gordo com um maço de Marlboro no bolso. O homem disse: você quer mudar de vida? Bêbados, os dois, responderam que sim. O tal homem disse que era para o José Antonio encontrar com ele à meia noite numa encruzilhada. José Antonio disse que ficou com medo e não compareceu ao encontro e até hoje, não sabe o que o homem iria lhe pedir. Mas tem certeza de que ele era o capeta porque o mesmo desapareceu de repente.

Estavam com medo.

Depois de uns instantes de silêncio, Antonio Marcos começou a contar outras histórias que também “havam acontecido com ele”.

.....

A instituição às vezes se preocupa muito com cuidados de saúde. Entendo que são necessidades básicas, mas que apenas nos colocam “em pé”. Não nos dão aquela sensação de que vale a pena a experiência de estarmos vivos.

Depois desse dia comecei a pensar no projeto Memória e Identidade. Conversei com o meu chefe e ele propôs chamar a Rachel, uma psicodramatista, para dar um suporte ao projeto. A Rachel contribuiu com muitas técnicas de psicodrama, que uso, até hoje, para aquecimento dos ensaios ou para quebrar o gelo no início de algum bate papo.

Campinas, 10 de dezembro de 2001

Estava sem minha colega de trabalho e resolvi que não iria fazer nenhuma proposta, mas o Antonio Marcos veio me procurar querendo saber se a gente iria se reunir para contar histórias. Expliquei que estava trabalhando sozinha nesta noite e que não podia me afastar da administração. Formou-se um grupo ali mesmo.

Antonio Marcos começou:

- “Era uma vez, três irmãos valentes e tinha uma casa mal assombrada onde ninguém conseguia ficar. Esses irmãos decidiram que iriam ficar no casarão. O primeiro ficou com muito medo quando ouviu a voz de um vulto. O segundo a mesma coisa. O terceiro que era baixinho e caçador, levou cordas e um facão. Quando o vulto se aproximou, ele jogou as cordas e o facão. O vulto de um homenzarrão fugiu deixando um rastro de sangue. O irmão valente chamou os outros dois para ajudarem na busca. Quando acabou o rastro de sangue, viram um poço. O terceiro irmão desceu e

quando chegou lá no fundo, não havia mais sangue, só o rastro dos sapatos da assombração”.

Fomos interrompidos por um telefonema a respeito de um abrigado que foi encontrado, quando voltei já tinham ido dormir.

*“O poeta resgata o acontecido do esquecimento: é uma espécie de memória viva da espécie, do seu povo.”* (Meneses, 1987, p. 13)

.....

Em janeiro deste ano conversei com eles sobre o projeto , sobre as oficinas da Rachel e, perguntei o que achavam de representar algumas histórias. Toparam!

A primeira foi “O Tropeiro Viajante” escrita por Antonio Marcos. Contávamos com Ana Maria, Romildo, Valderez e Antonio Marcos como atores.

Campinas, 22 de janeiro de 2003.

“Era uma vez um tropeiro que estava seguindo viagem, tinha percorrido 30 km. Anoiteceu e ele resolveu apiá num rancho. Olhou bem para o lugar e percebeu que era meio mal assombrado, mas como estava muito cansado resolveu ficar. Forrou o assoalho com o baixeiro, deitou e dormiu.

Depois de algum tempo, escutou um barulho no teto que o acordou.

Do teto caiu um cambito no chão, depois outro cambito. Começou cair ossos até formar um esqueleto de um homem. O esqueleto se transformou num homem com um facão. O Tropeiro levantou e perguntou:

- O que fazes aqui?
- Aqui é minha moradia !
- Ah! Mas daqui eu não saio enquanto eu não descansar! E quero ver quem vai me tirar daqui!
- Então vamos ter que lutar a golpe de facão!

Lutaram até às três da madrugada.

O fantasma, vencido, disse:

- Você é o primeiro homem que me vence aqui nesse rancho! Antes de me retirar, pega e tira o baixeiro do chão! Tira as duas tábuas do assoalho e pode pegar o tacho de ouro aí debaixo!

O Tropeiro pegou o tacho de ouro e disse pra assombração:

- A tua alma está livre desse sufoco!
- .....

Depois da história selecionada, fizemos um levantamento de objetos e adereços mínimos para representá-la e partimos para uma pesquisa sobre o contexto do Tropeiro e busca de possibilidades para a confecção dos acessórios cênicos. Marcamos um ensaio para o próximo encontro dia 13/03/03.

Antes do ensaio produzimos, no dia 06/03/03, um tacho de ouro e alguns ossos para o esqueleto. Para o tacho de ouro pegamos uma cesta de vime que estava pelo abrigo, pintamos de amarelo, jogamos gliter dourado. Amassamos uma folhas de revista fazendo bolas, colamos com cola branca as bolas na cesta. Os ossos foram desenhados em uma caixa de papelão desmontada, recortamos e pintamos de branco. Levei um livro para copiarmos o esqueleto. Tudo é resolvido meio na hora, contando com o que se tem, procurando sempre a maior simplicidade possível. Não conseguimos produzir o esqueleto inteiro, o tórax, a bacia e o crânio não deu certo, então optamos por colocar uma outra assombração “invisível” ao Tropeiro para jogar os ossos, a Ana Maria topou.

Tenho registro mais detalhado deste dia, mas optei por uma seleção, para não me estender muito.

Preparei uma seqüência mínima para aquecer um pouco as articulações, uma seqüência de jogos cênicos para contracenarem uns com os outros, e alguns exercícios simples de dicção antes do ensaio.

Campinas, 13 de março de 2003

Iniciamos espreguiçando ao som de uma música. Depois fomos

movimentando as articulações dos pés ao pescoço. Fomos nos movimentando pela sala no ritmo da música, como se criássemos uma dança pessoal. Em roda fizemos exercícios de respiração, massageamos o rosto, fizemos caretas e emitimos sons das vogais e “motorzinho”. Depois de aquecidos a proposta era representarmos uma cena, qualquer uma, usando os adereços: chapéu de bruxa, chapéu de palha, boné brilhante, colares, vassoura e lençóis.

Pedro disse que ia fazer um lenhador que morava perto de São José do Rio Pardo. Pegou a vassoura e deu golpes no ar, como se estivesse cortando uma árvore, não falou nada.

Ana Maria pegou o chapéu de palha e disse: "Eu sou da Bahia, vivo tomando água de coco na beira da praia". E soltou uma gargalhada!

Zé (um abrigado que não fala) pegou o chapéu de bruxa e a vassoura. Apontou para as pessoas emitindo um som de tiro.

Esta cena me fez pensar bastante sobre a minha postura por que, até então, estava tratando-o como "café com leite". É preciso muita atenção para não ter preconceitos e suprimir a participação.

Romildo usou o chapéu de palha e disse: "Sou o Chico Bento e gosto muito de melancia".

Eu e a Verinha (monitora) também fizemos uma cena cada uma.

Começamos o ensaio:

Antonio Marcos quis fazer o papel do tropeiro e o Valderez faria a assombração.

Os outros ficaram assistindo.

Contei a história novamente, prestaram atenção, mas enquanto ia rolando a cena eu ia “assoprando” as falas e dirigindo as ações. Foi meio esquisito, mas como têm dificuldade para ler, foi a maneira que encontramos.

Ainda não tem música para as cenas, mas foi muito divertido, tanto para os atores, quanto para a platéia.

.....

*“A memória é apenas matéria –prima de um processo de mimese.”*(Meneses,1987, p.24)

.....

A estrutura do aquecimento e dos jogos cênicos se manteve, mudando-se propostas de intenção de cena e, em alguns ensaios, trocávamos de papéis, até todos experimentarem todos os lugares, inclusive o de diretor.

Valderez não quis mais representar a assombração. Romildo e a Ana Maria ficaram no papel de caiporas e assombrações, Antonio Marcos continuou como tropeiro,

No encontro de 31 de março, decidimos juntar outro episódio na viagem do Tropeiro, contado por Antonio Marcos:

“Era uma vez um tropeiro viajando a cavalo, baldeando fumo. Tinha viajado 30 km. Cansado, resolveu descansar à beira de um barranco. Lá pela meia noite escutou uma voz:

- Quero pitá !

Assustado disse:

- Quer pitá, chegue aqui.

Ele viu que não se tratava de gente, eram dois caiporas. Foi dando fumo sem parar, com medo de morrer.

Quando o fumo acabou os caiporas partiram pra cima dele. De repente o galo cantou. Os caiporas se afastaram dizendo.

- Se não fosse o galo teríamos acabado com a sua vida. Nunca dê ouvidos a uma voz desconhecida, você poderá se dar muito mal”.

Encaixamos esta parte no início da primeira história, então quando ele encontra a assombração do rancho, onde há a luta de facções, ele já passou pela experiência assustadora com os caiporas.

No meio do trabalho enfrentamos um certo desânimo porque a

montagem acabou exigindo tempo e trabalho, passando a assumir o espaço principal do projeto. Achei que não valeria a pena terminá-la, sentia uma certa falta de motivação do grupo. Fui conversar com a atual chefe do Abrigo e ela sugeriu uma reunião com o grupo para avaliarmos as atividades e tentar detectar onde estava o problema, pensar alternativas ou decidir encerrar a montagem. Sugeriu que, se fosse decidido continuar, sistematizasse um planejamento com o grupo todo, traçando objetivos e metas.

Participaram da reunião apenas onze abrigados e eu.

Comecei relembando como começamos a montar a história do Antonio Marcos, falei que gostaria de continuar, e disse que queria saber deles como estava pra eles o trabalho, o que achava o resto do grupo que não estava participando ativamente da montagem.

Ana Maria falou que estava cansada de ensaiar, disse que queria se apresentar. Antonio Marcos falou que queria ser ator, que precisava de um palco pra poder continuar. Romildo disse que queria fazer uma festa com muitos doces e lanches e que as pessoas da festa poderiam assistir à peça e aplaudir bastante.

A fala do Antonio Marcos deu gancho pra eu dizer que não estávamos encenando a sua história como profissionais, que o objetivo era incrementá-la, era a gente se ver no papel da assombração, no do tropeiro porque quando contamos uma história, estamos falando de um jeito de ser, de um momento, de um lugar e isso faz parte do que a gente é, da nossa identidade. Que achava o palco importante para valorizar a apresentação, mas que não era essencial para continuarmos, mas que existia a possibilidade de nos apresentarmos em espaços com palcos.

Em relação às falas da Ana Maria e do Romildo, disse que estava percebendo uma necessidade no grupo de mostrar o trabalho e sugeri perguntarmos para a chefia sobre a possibilidade de fazer uma festa para nos apresentarmos. Ficaram empolgados e a conversa ficou em torno da

organização da festa. Alguns levantaram que o grupo precisava de um nome para a gente colocar em bonés e camisetas para serem vendidos na festa, falaram em cobrar ingressos, que o dinheiro poderia servir pra gente comprar material e viajar. Peguei algumas propostas e votamos. Ficou decidido que eu levaria para a chefia uma data para a festa e que esta seria organizada para apresentarmos “O Tropeiro Viajante” e que gostaríamos que tivesse comidas e bebidas, pensamos em 17 de maio de 2003.

Nos encontros após à reunião, senti que estavam muito mais motivados. Acho que dar uma parada para avaliar, e traçar objetivos concretos e a curto prazo é essencial para continuar qualquer projeto.

Conseguimos marcar a festa e a equipe do Abrigo ( monitoras, cozinheiros, serventes e chefia) se empenhou bastante para a sua realização. Ficou para o dia 17 de maio mesmo.

A festa foi marcada para as 14h. Cheguei no Abrigo as 10h e fui ajudar na arrumação do espaço. Fiquei comovida, estavam todos correndo, tanto abrigados como funcionários.

Na sala de atividades preparamos uma exposição com fotos da pesquisa sobre o Tropeiro, pinturas, desenhos e artesanatos, além de tortas feitas na oficina de culinária. Na sala de tv fizemos uma exposição de fotos e deixamos rolando um vídeo de algumas festas de natal, ano novo e festas juninas.

A combinação era eu ficar por conta da preparação dos atores (exercícios de relaxamento e de voz, fazer a maquiagem e ajustes no figurino) e as outras monitoras receberiam os convidados, apresentando o espaço contando sobre as oficinas e a proposta de reabilitação psicossocial que o Abrigo oferece.

Fui com os atores e outros abrigados que pediram para participar dos exercícios para o fundo e nos desligamos do resto.

Como era sábado, o Clóvis estava na casa e pediu para fazer os exercícios. Quase não consegui fazer vínculo com ele durante todo esse tempo porque ele não fica na casa por causa do seu trabalho e quando chega já vai dormir. Fiquei surpresa e contente quando pediu para participar.

Rimos e brincamos muito. O grupo estava bem animado e sem vergonha. Achei que ficariam nervosos e estava considerando a possibilidade de não haver apresentação.

As 14h fui ver como estava tudo e combinar o horário da apresentação, os atores continuaram escondidos. Marcamos para as 14:30 porque ainda não havia chegado quase ninguém. Por fim fomos apresentar só as 15:30 por conta do atraso dos convidados. Eu estava ansiosa, mas eles ficaram conversando e não aparentaram muita preocupação, só a Ana Maria que questionou: será que vão gostar? Respondi que se não gostarem vai ser uma pena porque a gente está curtindo muito fazer. Aí rimos!!!

Apresentamos com muita precisão. Não houve esquecimento de fala e entraram em cima das marcações. Não esperava tanta harmonia.

Depois da apresentação recebemos muitos cumprimentos e aconteceu um bate papo bem gostoso.

Primeiro falamos um pouco do processo, impressões e sentimentos. Gostaria de citar uma fala da Ana Maria que traduz de maneira simples e contundente a exclusão vivida pela maioria das pessoas das classes populares : *Quero agradecer a paciência de vocês para assistir à nossa peça. Porque a gente é pobre e parece que não somos capaz de fazer arte, mas a gente é e a gente gosta. Muito obrigada.*

No bate papo, além de perguntas, teve pessoas que eram parentes de tropeiros, alguns lembraram de histórias de assombração que a avó contava, mas gostaria de citar uma fala de um dos convidados: *Eu acho que esta peça traduz a vida do migrante que sai da sua casa em busca de uma vida melhor, o ouro, enfrentando muitos medos e incertezas, as assombrações.*

*Convidamos um grupo de dança afro brasileira e capoeira .*

*Encerramos a festa com a apresentação deles, seguida de um lanche.*

*Ficamos muito satisfeitos com o evento, recebemos muitos elogios. O projeto continua, estamos montando "Os Três Homens Valentes" e "A Bruxa Kalazam", histórias escritas por Antonio Marcos e Romildo, respectivamente. Estas histórias foram sorteadas em uma reunião feita para decidir se continuamos, como continuamos e para avaliarmos a apresentação*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto ainda acontece e sinto-me motivada em continuar. No entanto, após as leituras, e diante da realidade da psicose, concluo que estas pessoas não necessitam de uma reabilitação, que isso seria o mesmo que dizer que não estão habilitadas. Estão habilitadas sim, mas o conceito de loucura carrega fortes estigmas que suprimem o espaço social dos que têm transtorno mental. Dentro da fantasia deles há espaço para a liberdade de ser e no nosso mundo essa liberdade é matéria prima para o poder ser exercido (Foucault, 1975). A intenção deste projeto, portanto, é criar espaços para mostrar a arte dessas pessoas, quebrando as barreiras que os impedem de ocuparem seus espaços públicos. A doença existe, mas nós queremos mostrar que ela apenas os torna diferentes. Afinal, quem é o “igual”? E o normal ?

Gostaria de citar uma fala de um personagem idoso internado num manicômio no filme “Bicho de Sete Cabeças”, que reforça a minha argumentação de que o “diferente” (pobre, louco, velho, drogado, morador de rua...), lembrando a trajetória do conceito de razão de Descartes analisado por Foucault, acaba cumprindo o seu papel de excluído na sociedade :

*“Nenhum médico me disse que a fome ou a pobreza pode levar ao distúrbio mental, mas quem não come fica nervoso, quem não come e vê seus parentes sem comer pode chegar à loucura. Um desgosto pode levar à loucura. Uma morte na família. Um abandono do grande amor... A gente até precisa fingir que é louco sendo louco, que é poeta sendo poeta”.*

Além disso, escrever as memórias dos abrigados é construir um momento histórico, é desvendar uma realidade que é constantemente abafada por sua falta de utilidade na manutenção da lógica da produção e do consumo, do acúmulo de bens, da propriedade, do lucro.

Outra consideração importante, é em relação ao título do projeto

*Memória e Identidade*, que, segundo as observações da segunda leitora, Profa Dra Áurea Guimarães, baseada em Michel Maffesoli, o termo *Identidade* corresponde à categorias fixas e o meu trabalho possui características provisórias que se abrem para uma outra compreensão da cultura. Não foi possível me aprofundar nessa questão em relação ao termo. O título continua o mesmo neste momento, até porque optei por trabalhar na perspectiva da identidade como uma categoria em construção.

## BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.), **As Faces da Memória**, Campinas, Coleção Seminários, Centro de Memória-UNICAMP, s/d.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura**, São Paulo, Perspectiva, 1978
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões**, Petrópolis, Vozes, 1987.
- HARARI, Angelina e VALENTINI, Willians (orgs.), **A Reforma Psiquiátrica no cotidiano**, São Paulo, Ed. Hicitec, 2001
- PITTA, M. F.(org), **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. São Paulo, Ed. Hicitec, 1996.
- TUNDIS, Silvério Almeida (org.), **Cidadania e Loucura Políticas de Saúde Mental no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1992.

## ANEXOS



**"Tropeiro Viajante".  
Fórum Regional de pessoas em situação de rua.  
Piracicaba, 10 de setembro de 2003.**



**"Tropeiro Viajante"**  
Fórum Regional de pessoas em situação de rua.  
Piracicaba, 10 de setembro de 2003.



**"Tropeiro Viajante".**  
Fórum Regional de pessoas em situação de rua.  
Piracicaba, 10 de setembro de 2003.



Antes da apresentação.  
"Tropeiro Viajante". Pré - Conferência de Assistência Social.  
Campinas, 09 de agosto de 2003



**"Trapeiro Viajante".**  
**Pré - Conferência de Assistência Social.**  
**Campinas, 09 de agosto de 2003.**



**Apresentação do "Tropeiro Viajante".  
Pré - Conferência Regional de Assistência Social.  
Campinas, 09 de agosto de 2003.**



Oficina de Desenho e Pintura.  
Museu de Arte Contemporânea de Campinas.  
Agosto de 2002.



**Oficina de Desenho e Pintura.  
Museu de Arte Contemporânea de Campinas.  
Agosto de 2002.**



Oficina de Desenho e Pintura.  
Museu de Arte Contemporânea de Campinas.  
Agosto de 2002.



Ensaio "Troeiro Viajante".  
Abrigo Renascer.  
Campinas, agosto de 2003.

